



Violência e Morte Nas Capas Dos Jornais Agora São Paulo e Folha SP¹

Rodrigo Daniel Levoti Portari²

Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), campus de Frutal

Resumo

O presente artigo tem como meta entender a linguagem das imagens sobre violência e morte na mídia. Para isso, nos valem das capas dos jornais Agora São Paulo e Folha de S.Paulo a fim de, com aporte teórico no pensamento de teóricos da mídia, entender como os temas são tratados no jornalismo impresso. Não se trata de análise de conteúdo ou de imagens, mas sim de uma luz sobre a linguagem imagética da mídia, destacando também estratégias de neutralização das imagens que trazem consigo cargas “negativas” para os leitores, lembrando que, para Bystrina, os códigos culturais são assimétricos e, assim, tem a morte mais força que a vida.

Palavras-chave

Violência; Morte; Capa de Jornal; Folha de S. Paulo; Agora São Paulo

Violência e morte chamam a atenção da mídia, fazem parte da cultura e povoam o imaginário humano. O tema é tratado quase que diariamente pelas mídias e merecem atenção também não só pela quantidade de notícias e manchetes envolvendo os temas, mas também a forma de abordagem e tratamento que as mídias dão sobre o assunto. O medo da morte, a necessidade de superar o fim definitivo, é apontado como uma das raízes para o surgimento de textos culturais e não raro as mídias, através das imagens, retomam o assunto não só por questões mercadológicas, mas também por retomar a base da vida, que é a morte. Não pretendemos aqui uma análise qualitativa das imagens relativas ao tema, mas entender com base no pensamento de teóricos da mídia como se dá o processo de tratamento e entendimento da morte na capa dos jornais Agora São Paulo e Folha de S.Paulo.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-oeste realizado de 27 a 29 de maio de 2010.

² Rodrigo Portari é mestre em Comunicação pela UNESP-Bauru. Atualmente é docente do curso de Comunicação Social da Universidade do Estado de Minas Gerais, campus de Frutal. Contato: rportari@yahoo.com



A morte, negativa, tem mais peso que a vida, positiva (BYSTRINA) e, por isso, trazê-la para próxima dos leitores dos jornais pode ser considerada uma tentativa de reverter essa polarização, dando à vida um valor mais positivo, fazendo com que o “outro” morra no lugar do leitor naquele instante. A ausência de vida é suprimida pela presença da morte, como observa Baitello:

Uma vez que a morte está associada sempre à ausência de pessoas queridas, é também sempre vinculada a sentimentos de dor e perda enquanto ela está presente, enquanto as pessoas ausentes estejam simbólica e afetivamente presentes. Também por isso, porque ela dói, busca-se permanentemente espantá-la para o passado, o que também quer dizer recalá-la para o futuro, pois cada procedimento de textualização tem seu preço: porque os símbolos vivem mais tempo do que os homens, porque são construções sociais, são obrigados a oferecer uma dimensão prospectiva e uma dimensão retrospectiva do tempo. (BAITELLO JUNIOR, 2003, p.110)

Com a morte no jornal temos, então, reforçado o sentimento de presença da morte e, ao mesmo tempo, de presença das pessoas ‘queridas’. De certa forma, essa pode ser uma neutralização da morte ao ser lida na capa do jornal, já que quem lê, obviamente, está vivo e, portanto, não é personagem central da história que por hora desfila na capa.

Notamos nos jornais *Agora* e *Folha* alguma diferenças na linguagem imagética e na corporificação da morte em suas capas. Cada qual pautado em sua intencionalidade, transcodifica a ausência representada pela morte de uma forma, criando em seus leitores imaginários previamente calculados (ou não) por seus editores, se valendo de várias técnicas que vão desde a diagramação à escolha de caracteres, cores e posicionamento na página.

A presença da morte, seja em maior ou menor escala, é incontestável nas capas dos jornais. Apesar disso, pouco se vê corpos lançados nas capas dos jornais. Foi assim no caso de 11 de setembro de 2001, assim como no acidente da TAM em Congonhas ou da Gol na Amazônia. Já na morte que é considerada como “grande perda” ou tem caráter histórico, a morte é estampada sem preconceitos na capa, como na morte do diretor do grupo Folhas, Otavio Frias, ocorrida em 30 de abril de 2007, ou a morte do general Augusto Pinochet:



Figura 1 – Folha 1.05.07



Figura 2 – Agora – 1.05.07



Figura 3 – Folha 12.12.06

Já os corpos das vítimas da violência figuram nas capas quando não se trata de tragédia em larga escala, como relatamos a pouco sobre os atentados nos Estados Unidos. Assim, em determinados casos de violência anômica (Sodré) a morte também é “atração” de capa:



Fig. 4 - Agora 7.03.07



Fig. 5 - Agora 12.04.07



Fig. 6 - Agora 14.04.07



Fig. 7 - 22.05.07

Nesse contexto, a relação da mídia com a morte na capa parece sofrer aproximações e distanciamentos. Distancia-se quando o número de imagens relativas ao tema passa a ser menor do que em outras editoriais. Aproxima-se quando se utiliza da morte como moeda de troca, parte do contrato midiático (LOPES, 2002) entre leitor e jornal, onde o emissor parece oferecer ao receptor aquilo que este quer comprar. Porém, apesar da oferta fazer parte desse jogo, há de se lembrar haver intenção por trás das imagens previamente selecionadas e editadas.

Wainberg (2007, p.11) diz que:

A violência tem-se revelado capaz de despertar o aparato cognitivo humano de sua apatia costumeira. É por isso um dos principais ingredientes que integra não só as atrações da indústria do entretenimento, mas também, e em especial, do jornalismo. (WAINBERG, 2007, p.11)

O despertar do aparato cognitivo da apatia pode se dar pelo medo da morte, de encarar de frente o fim da existência, que tanto pode ser “solene” e cercado das mais altas honras (Otávio Frias e Pinochet) ou trágico, por causa de uma bala perdida (Figuras 4 e 6) ou um atentado terrorista (Figura 5). Valendo-se dessa prerrogativa, a mídia transforma o



medo da morte em acontecimento, retratado numa imagem. Casos como o da menina Isabella Nardoni, ocorrido em 2008, geram polêmica e criam comoção social. Mas a tragédia só não foi mais chocante pela falta de uma imagem do corpo da garota. Narrou-se com detalhes a morte. Reconstituições feitas com auxílio do computador narraram, minuto a minuto, como se deu a violência contra a criança. Para representar a queda, a perícia utilizou-se de um boneco com características semelhantes à da menina. Mas a imagem de Isabella morta, caída ao solo, sequer foi mostrada durante as reportagens. Vários argumentos de defesa da ética e da moralidade da imprensa poderiam ser levantados no intuito de justificar tal posicionamento dos jornais. Mas a morte de uma criança vítima de um atropelamento no Rio de Janeiro (Figura 7) não foi ignorada pela Folha e Agora, com ambos jornais ilustrando suas capas com a mesma imagem. Ao mesmo tempo, esses dois fatos, Isabella e do menino morto no atropelamento, colocam em xeque a oposição binária de dentro x fora, estudada por Vicente Romano. Imagina-se que dentro de casa Isabella estaria segura, porém, foi exatamente lá em que sofreu espancamento e foi arremessada da janela do quinto andar do apartamento onde morava. O garoto atropelado na capital fluminense estava na rua e, portanto, submetido aos perigos do “mundo selvagem”, onde qualquer pessoa pode ser vítima da violência em si. Portanto, para o caso Isabella, o não uso da imagem de seu corpo pode reforçar, por mais antagônico que seja, que dentro de casa ainda é mais seguro do que fora. Quem está na rua, tem seu corpo morto midiaticado. Quem estava em casa, não.

Retomando as imagens 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7, temos também a morte como sinônimo de perda da vertical (posição em que estamos em pé). É o jornal trazendo, novamente, a questão cultural da morte para seus leitores. Se não está em pé, está morto.

Não se pode questionar que estes símbolos, vertical e horizontal, em seu teor mais profundo, em seu fundamento mais arcaico, equivalham a, respectivamente, “de pé, de prontidão, vivo e acordado” e “deitado, dormindo, morto”. Não é por acaso, portanto, que, também em sua visualidade diagramática, a tensão entre vida e morte esteja presente no jornal. (BAITELLO JUNIOR, 1999, p.112)



Como a perda da vertical está ligada diretamente ao conceito de morte, a mensagem imagética pode passar também uma falsa informação ao leitor caso este não dirija seu olhar para o texto:



Figura 8 - Agora - 1.03.07)



Figura 9 - Folha - 1.03.07

Mais uma vez *Agora* e *Folha* coincidem em manchetes, apesar de diferenças no que tange ao espaço ocupado pela manchete na diagramação. GUIMARÃES afirma que a percepção da mensagem se dá primeiro pela cor e, depois, pela imagem. Assim, deixando o problema das cores de lado, a primeira impressão a que se chega com a foto da mulher baleada é da presença da morte. Caída, na horizontal os jornais parecem anunciar mais uma tragédia. O sangue presente nesta imagem fotográfica também carrega consigo uma mensagem negativa, já que, como observa Bystrina, “originalmente o sangue é negativo” (1995, p.10)

Na verdade, o fato em si não deixa de ser um exemplo claro de violência urbana anômica, já que se trata de uma vítima de bala perdida durante troca de tiros entre policiais e bandidos. A mensagem primária de morte, no entanto, é desconstruída pela mensagem verbal, que informa a sobrevivência da vítima do fato. Destaca-se, também, nesse contexto, o sentido produzido pela “cruz” formada entre o corpo da mulher e a faixa amarela pintada ao chão, mais um prenúncio de morte e, ainda, retomada da religião católica, que também faz parte da cultura ocidental.

PROSS (1980) analisa da seguinte forma a perda da vertical quando se trata da morte:

La horizontal, y los ejercicios del hombre en esta posición son tabu, sea el sueño o el dormir con alguien em comercio carnal, la cama del enfermo o lperdida definitiva de la vertical en la muerte. El tabu mismo separa el dentro y el fuera: el dedo alzado, que quiere proteger al, durmiente el secreto que rodea los esponsales, o bien el hundimiento del muertero bajo la tierra. (PROSS, 1980, p. 80)



Por outro lado, Christoph Wulf afirma que as imagens são ambíguas e, portanto, seu papel como representante do medo da morte não é despropositado, reforçando a responsabilidade da imagem em suplantar a morte e garantir a vida eterna:

Imagens são ambíguas. A suposição de que surgiram do medo da morte, ou do medo de ter que morrer, muito antes do desenvolvimento da consciência, não é despropositada. Dietmar Kamper supõe: a imagem tem a finalidade de cobrir a ferida da qual os homens se originam. Porém, essa finalidade é inconversível. Toda falsa lembrança recorda também. Por isso, toda a imagem é a princípio “sexual”, mesmo quando é profundamente “religiosa” pelo seu movimento. Por isso a imagem pode ser intitulada (como faz Roland Barthes) como “morte da pessoa”. Através do medo, a imagem desempenha o papel principal na distração do desejo humano. (WULF, 2000, p.6).

Apesar das imagens da morte e da violência também trazerem contidas uma mensagem primeiramente negativa, a superexposição e banalização da violência e da morte tem a intenção de diminuir a reação negativa do leitor a este tipo de conteúdo. Assim, as capas da *Folha* e do *Agora* contribuem para a criação de uma possível realidade alternativa, ou segunda realidade nas palavras de Bystrina.

A oposição binária de dentro x fora em relação à segurança x insegurança traz também ao imaginário a correlação de primeira realidade e segunda realidade. A morte, midiaticizada, transforma-se em uma produção exterior ao leitor e, portanto, os jornais não poderiam ser considerados culpados – por mais controversa que a afirmação possa parecer – pelo aumento da violência anômica e urbana nas cidades. Culpar a mídia é uma argumentação já antiga e vários estudos, quantitativos ou não, trazem apontamentos que confirmam ou desmentem esse tipo de acusação contra a mídia.

Além de exibir corpos, a morte e a violência também se fazem presente nos jornais mesmo quando não há exibição explícita dos corpos. É o caso já citado nessa dissertação sobre os ataques de 11 de setembro e também no acidente envolvendo o avião da TAM em Congonhas, em julho de 2007. As fotografias do dia seguinte às tragédias foram essas:



Figura 10 – Agora - 19.07.07



Figura 11 - Folha - 19.07.07

Não é necessário haver corpos dilacerados, queimados ou mutilados para trazer ao leitor a morte no acidente aéreo em questão. A própria imagem se torna auto-explicativa e traz implícita a mensagem de que vidas se perderam. A certeza dessa afirmação pode ser constatada no ato de leitura das manchetes, que apontam 176 mortes para aquela fotografia. Mais uma vez temos a oposição dento x fora trabalhada na página do jornal. Novamente, o mundo exterior, estar nas ruas, passa a ser considerado um risco para o leitor, que deve pretender ficar na segurança de seu lar ou escritório. Violência e morte passam a ser, então, portadoras de códigos culturais que chegam até aos leitores para vender informação e produção de sentido. Conscientes ou não, são atingidos pelas informações de maneira a reagirem positiva, negativa ou mesmo neutramente ao seu conteúdo. Como não temos intenção de estudar o comportamento do receptor, apenas nos limitaremos a destacar que as construções nas capas dos jornais não é inocente e, mesmo que seus editores hajam por instinto ou com a intenção de vender mais, a morte midiaticizada cria leituras alternativas que podem influenciar diretamente na leitura de mundo de cada um dos leitores.

A imagem por sua vez também tem participação no sentido de organização e narrativa do fato, o que também é importante considerar já que neste contexto elas atuam diretamente sobre o leitor. Para quem não convive com a violência e a morte em seu cotidiano, cabe a elas promover a aproximação com o fato e incluir a notícia dentro da experiência de vida do leitor. Uma vez diante dela, é impossível negar a presença da morte, mesmo que o fim seja o do outro. A professora Rose de Melo Rocha, em paper apresentado ao Compós (2002), destaca o seguinte:

As imagens, continua Aucland, tecnicamente produzidas – em fotos, no registro audiovisual – desempenham um papel fundamental no processo de organização do sentido do crime, sendo igualmente alvo de um amplo investimento



cultural. Associadas a outras narrativas, permitem “trazer para perto” o que está sendo tecnologicamente reproduzido e viabilizado, possibilitam, enfim, uma “familiarização”, uma compreensão e uma categorização que extrapolam o ato criminoso particular em sua materialidade imediata, posto que este se transforma em imagem estandardizada, parte de uma rede de decodificação e sensação sempre alimentada por novas imagens. (ROCHA, 2002, p.4)

Flusser acrescenta ainda que as imagens deixam de ser imagens e passam a ser encaradas como espelho fiel da realidade:

O caráter aparentemente não-simbólico, objetivo, das imagens técnicas faz com que seu observador as olhe como se fossem janelas e não imagens. O observador confia nas imagens técnicas tanto quanto confia nos seus próprios olhos. Quando critica as imagens técnicas (se é que as critica), não o faz enquanto imagens, mas enquanto visões do mundo. Essa atitude do observador face às imagens técnicas caracteriza a situação atual, onde tais imagens se preparam para eliminar textos. (FLUSSER, 2002, p.10)

Assim, a o leitor passa a ser alvo de imagens que, diariamente, fazem parte de seu cotidiano. Por estarem sediados em São Paulo, tanto *Agora* como *Folha* trazem até seus possíveis leitores – inegavelmente a maioria moradora da capital – a aparência de estarem morando em meio ao caos e à morte, como bem destaca Clovis Rossi:

É a sensação diária de que o paulistano vive uma roleta-russa, sem saber se vai ou não ser o seu dia de tornar-se vítima de alguma forma de violência. É a sensação de que escapar da violência independe do que a gente possa fazer, das providências defensivas que possa tomar. É sorte ou azar. (...) Em São Paulo, o risco independe de errar ou acertar o cálculo. Sem contar o fato de que é absurdo aceitar como normal ultrapassar sinal vermelho, à noite, para não correr o risco de um assalto. Quando se viola uma regra para evitar ser vítima de outra violação chega -se a um estágio incivilizado que só conduz a novas violações (ROSSI, 1997, p.30).

É o que se entende quando, em edição do dia 29 de dezembro de 2006, a morte e a violência, juntas, são trazidas pela *Folha* de maneira explícita – talvez uma das formas mais explícitas encontradas entre as edições de dezembro de 2006 e dezembro de 2007:



Figura 12 – Folha - 29.12.06

O corpo carbonizado de um passageiro de ônibus no Rio de Janeiro é o símbolo máximo da violência e da intolerância que se poderia esperar da publicação. Extrapolando os limites “éticos” do jornalismo, a publicação traz em sua capa principal a morte de maneira “nua e crua”, num choque de realidade responsável também por reforçar as afirmações de Clóvis Rossi, onde se vive numa verdadeira roleta-russa em pleno país. A morte, personificada nos restos de um corpo carbonizado, vem para dizer aos leitores que qualquer tentativa de escapar da violência anômica é em vão. Se ela não atinge o leitor na rua, o atinge dentro de casa, com a imagem do jornal. Interessante notar que nesse mesmo dia, o *Agora*, tido até então como o jornal mais “sensacionalista”, que pretende um público mais afetivo e ávido por emoções fortes, trata o mesmo assunto de forma mais sutil em sua capa, o que demonstra o perigo das categorizações duras de qualquer uma das publicações.



Figura 13 – Agora - 29.12.06

A morte, no *Agora*, não faz parte do cenário imagético produzido tecnicamente por um fotógrafo. Mas é anunciada, antes mesmo do texto, pelo luto representado no quadro preto que serve de fundo tanto da imagem quanto dos textos de manchete e chamadas. Não é necessária, como a *Folha* o fez, tratar a morte de maneira tão explícita para trazer a mesma informação ao leitor. A própria cor preta (que contém carga “negativa” e é associada, no ocidente, à morte) é reconhecida de forma transparente pelo leitor como fruto do resultado da ação terrorista em pleno Rio de Janeiro.



Ao incorporar valores positivos ou negativos às cores, é possível transferir tais valores a determinada informação, fato, pessoa ou entidade (partidária, empresarial, social etc.) identificada com essas cores. Ou ainda, ao aplicar a essa informação determinadas cores com valores simbólicos e históricos resgatados por determinado contexto, fato, pessoa ou entidade, é possível transferir a elas tais valores, positivos ou negativos. (GUIMARÃES, 2006, p.2)

A polarização dos códigos culturais binários também resulta em assimetria, e, desta forma, Bystrina reforça que o pólo marcado negativamente sempre terá mais força que aquele cujo valor cultural é positivo. A morte – simbolizado ali na cor preta – é considerada mais forte, pois, para evitá-la, deve-se preservar a vida:

Portanto, do ponto de vista da preservação da vida, é sempre o pólo negativo (a morte) que comemora a vitória. Esta é a assimetria: a morte é mais forte que a vida, na percepção comum. Por isso, em todas as culturas o homem aspira sempre uma imortalidade, ou seja, a vida a pós a morte. (BYSTRINA, 1995, p.9)

Trazer a morte em forma de imagem para a capa dos jornais é, então, uma forma de tentar solucionar a assimetria de valor da morte em relação à vida. Para isso, Bystrina aponta três padrões: a identificação, a supressão e a inversão. Na primeira, cria-se um elo de ligação entre o pólo mais forte (negativo, morte) e seu oposto, numa conexão onde se perde então o medo do fim. Na capa dos jornais, a identificação fica por conta da “contextualização” da morte no mundo que cerca o leitor. O mesmo processo não ocorre de maneira diferente na *Folha*.



Figura 14 - Agora S.Paulo – 14.04.07



Figura 15 – Folha – 14.04.07

O elo de ligação da morte com a vida se encontra justamente no fato de uma mesma pessoa sofrer duas perdas consecutivas em sua família em decorrência de balas perdidas. Assim, a morte se liga à vida da mulher que, conseqüentemente, se liga à vida dos leitores dos dois jornais.



Na figura da mulher que chora as mortes o leitor se reconhece e pode se colocar no papel dela para enfrentar a situação. Além disso, a contextualização do fato com outros acontecimentos do dia tornam mais branda a imagem do corpo caído, coberto por um lençol.

A morte é então suportada de maneira mais palatável, já que ela aconteceu ao mesmo tempo que um time de futebol se preparava para um jogo ou que o governo anuncia a antecipação do décimo terceiro salário dos aposentados.

A vítima fatal da bala perdida, o medo e a insegurança diante da morte é então perdida pela identificação do leitor com os demais acontecimentos. Para quem lê, a morte se esgota na imagem do corpo caído ao chão.

Não se sabe o que aconteceu nem antes nem depois daquele instante fotografado e publicado. Como diz Barthes, “isso foi”, apesar de Flusser (2002, p.8) advertir que “imagens são códigos que traduzem eventos em situações, processos em cenas. Não que as imagens *eternalizem* eventos; elas substituem eventos por cenas”. Não há solução a ser tomada diante do fim.

Outra forma de encarar a morte na capa do jornal sem que ela afete diretamente seus leitores é através da “supressão da negação”. A supressão ocorre, como explica Bystrina, diante da tríade Céu x Terra x Inferno. Em comparação à Terra, o Céu é positivo e a Terra é negativa. Comparada com o Inferno, a Terra passa a ter valor positivo e o Inferno, negativo.

Assim na tríade, o componente intermediário (terra) recebe ambos os sinais (positivo e negativo), e com isso a negação é suprimida. Isso que aqui acabei de mostrar é chamado *Árvore do Mundo* ou *Árvore da Vida*. Em todas as culturas nós encontramos uma árvore do mundo ou da vida. (BYSTRINA, 1995, p. 9)

Apesar de não ser uma religião, os jornais também têm suas “árvores” onde determinada imagem ou situação pode receber tanto o símbolo positivo (+) ou negativo (-). A intenção desse artifício é trazer para o leitor um abrandamento de determinada situação de morte ou violência, colocando o leitor numa posição privilegiada diante do acontecimento onde ele pode atribuir a sinalização que melhor entender para o fato.



Figura 16 – Agora – 20.11.07

Diante de fatos como o ilustrado acima, é comum querer alguma forma de “compensação” diante da morte de um inocente. No caso em tela, uma jovem de 18 anos foi morta pelo ex-noivo por não admitir o fim do relacionamento.

Vimos que na oposição vida x morte, a segunda é negativa e tem mais força diante da primeira devido à assimetria dos códigos. Porém, nesse caso, a morte do assassino deixa de ser vista como negativa e passa a ser encarada como positiva.

Pela cultura brasileira, a maior punição para uma morte de um inocente é a morte de seu algoz. É o que acontece nesse caso. Apesar da morte ter sido provocada pelo próprio assassino, que disparou um tiro contra a própria cabeça, o corpo morto, carregado por soldados do corpo de bombeiros, perde o sinal de “-” e recebe a sinalização positiva de +. O negativo da morte do assassino é suprimido pela “justiça”, no que, numa aproximação, poderíamos falar que se trata de uma “árvore do mundo” na mídia.

A terceira e última solução proposta por Bystrina é considerada pelo próprio autor como radical. Isso porque se suprime toda polaridade e se promove uma inversão total nos valores dos pólos opostos. “Por meio da inversão, a força do negativo deve ser superada ou então “engajada” e isso acontece nas situações em que o negativo se torna insuportável ou insuperável”. (BYSTRINA, 1995, p.9)

Casos em que o negativo se torna insuportável e insuperável não são raros nas páginas do *Agora* e da *Folha*. Mas alguns se destacam em especial por se tratar de morte violenta ou quando se tem um grande número de mortes registradas ao mesmo tempo. É o caso de acidentes aéreos, como o já citado acidente da TAM em Congonhas ocorrido em julho de 2007. Nesse caso, três dias após as 200 mortes, a *Folha* traz em sua capa uma imagem com a intenção de promover uma inversão de pólos:



Figura 17 - Folha – 20.07.07

A morte dos passageiros do avião da TAM neste que até então foi considerado o maior desastre aéreo do país tornou-se, para a mídia, leitores e familiares das vítimas, insuportável. Também não era possível negar ou mesmo superar a morte dos passageiros nos dias que sucederam à procura de corpos e desinterdição do aeroporto de Congonhas. Encerrando uma série de imagens de capa sobre o assunto, o jornal trouxe o cenário do acidente de maneira simbólica e como uma forma de entretenimento para os passageiros de um ônibus que passava pelo local.

A tragédia e a morte deixam, então, de ser negativas, de estarem inalcançáveis, e passam a ser então tratadas como um fato midiático, um produto que chama a atenção do seu público.

Os passageiros assistem aos resquícios da tragédia de dentro do ônibus como se estivessem em frente a uma televisão, cuja a tela se dá na forma da janela. De forma radical, a morte é suprimida e passa a ser engajada no contexto da mídia, deixando de estar acima da compreensão humana para se tornar parte de seu espetáculo.

Além destes padrões Bystrina ainda propõe mais uma alternativa para solucionar a polaridade dos códigos:

Outras soluções para a polaridade são os artifícios da união dos pólos opostos e mediação dos opostos por um elemento intermediário. Assim, no exemplo da construção triádica do mundo (céu, terra, inferno), a terra seria o elemento de união entre céu e inferno. E assim são construídas transições simbólicas entre o céu e o inferno. (BYSTRINA, 1995, p. 10)



O que se pode perceber, então, é que há, nos jornais, a intenção de manipular o leitor para uma interpretação de cada um dos jornais sobre os fatos relacionados à violência e à morte.

Valendo-se de códigos culturais e trabalhando com o medo mais primordial da existência humana, os jornais trazem em si construções de mundos que hora se assemelham, hora se mostram díspares. Isso se deve ao poder de manipular o programa cuja a imagem técnica é captada, seja o programa da máquina de fotografar ou o programa que a mídia vende a seus leitores. Manipular os programas é ter poder.

Quem possui o aparelho não exerce o poder, mas quem o programa e quem realiza o programa. O jogo com símbolos passa a ser o jogo do poder. Trata-se, porém, de jogo hierarquicamente estrutura. O fotógrafo exerce poder sobre quem vê suas fotografias, programando os receptores. O aparelho fotográfico exerce poder sobre o fotógrafo. A indústria fotográfica exerce poder sobre o aparelho. E assim *ad infinitum*. No jogo simbólico do poder, este se dilui e se desumaniza. Eis o que são “sociedade informática” e “imperialismo pós-industrial”. (FLUSSER, 2002, p. 27)

Intencionais ou não, a manipulação das imagens e das informações nas capas são fruto de várias técnicas, experiências e conceitos pré-concebidos naquilo que Pross chama de experiências pré-predicativas, visando não só levar uma mensagem, mas também produzir sentido na notícia apresentada para os leitores.

Para isso, também é utilizada a credibilidade atribuída à imagem fotográfica, já que ela própria, por si mesma, valida a informação, ao passo que o texto verbal necessita de uma “autoridade” para atestá-lo.

A transformação da morte e da violência em imagens é também uma forma de negação da existência de diferenças entre o que é vivo e o que é morto. A imagem fotográfica, fixa, inerte, divulgada como produto midiático, cria, virtualmente, uma condição de afastamento do leitor diante do fato, num processo que “desumaniza” a fotografia da morte e dá ao leitor a condição de ler a imagem com menos risco de ser afetado por aquilo, numa “silenciosa transformação do corpo em imagem do corpo, a qual nega a diferença entre imagem e corpo” (KAMPER, 2000, p.2).

Assim, a imagem passa a transportar valores não só de mercado, mas também culturais e de sentido. A partir daí tem-se as intenções que são ocultadas – ou estão opacas



– pela ignorância da forma de sua produção, o que as torna mais crível e menos passíveis de questionamentos por quem está diante delas.

A “Caixa Preta” da mídia, que consiste nos segredos da produção do fato midiático, joga com o leitor de forma a abrandar, amenizar e tornar mais tolerável a exibição explícita da morte em suas capas, valendo-se, para isso, de padrões de solução que visam suprimir o valor negativo da morte e da violência, neutralizando os impactos destas informações em suas capas.

Referências Bibliográficas

- BAITELLO JUNIOR, Norval. **O animal que parou os relógios: ensaios sobre comunicação, cultura e mídia** (2ª ed). São Paulo: AnnaBlume; 1999.
- _____. **Imagem e Violência: a perda do presente**. Artigo retirado do portal CISC <www.cisc.org.br>.
- BAUDRILLARD, Jean; MORIN, Edgard. **A violência do mundo**. [Trad. Leneide Duarte-Plon]. Rio de Janeiro: Anima, 2004.
- BYSTRINA, Ivan. **Tópicos da Semiótica da Cultura** (Pré-print). São Paulo: CISC, 1995.
- FERREIRA JUNIOR, José. **Capas de Jornal: A primeira imagem e o espaço gráfico visual**. São Paulo: Editora Senac, 2003.
- GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores**. São Paulo: Annablume, 2000.
- _____. **As Cores na Mídia: a organização da cor-informação no jornalismo**. São Paulo: Annablume, 2003.
- _____. **O repertório dinâmico das cores na mídia: produção de sentido no jornalismo visual**. Paper apresentado no GT “Produção de Sentido nas Mídias” do Compós 2006.
- KAMPER, Dietmar. **O Corpo Vivo. O Corpo Morto**. Texto apresentado no Seminário Internacional “Imagem e Violência” promovido pelo CISC, São Paulo, 2000.
- _____; MERSMANN, Birke; BAITELLO JUNIOR, Norval. **Sobre o futuro da visibilidade**. Texto apresentado no seminário Imagem e Violência, promovido pelo CISC, de 29 de março a 1 de abril de 2000.
- LOPES, Luís Carlos. **O culto às mídias: interpretação, cultura e contratos**. São Carlos: Editora Ufscar, 2004.
- PROSS, Harry. **La Violência de Los Simbolos Sociales**. Barcelona Anthroposo, 1989.
- www.revista.cisc.org.br. Acesso em 15 de junho de 2008, às 15:54
- ROCHA, Rose de Melo. **Comunicação da Violência: desrealização e perlaboração**. Trabalho apresentado no GT “Comunicação e Cultura” do Compós, 2002.
- SODRÉ, Muniz. **Sociedade, Mídia e Violência**. Porto Alegre: Editora Salina/Edipucrs: 2006.
- SILVA, Rafael Souza. **Controle Remoto de Papel: o efeito zapping no jornalismo impresso diário**. São Paulo: Annablume, 2007.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo – Por que as notícias são como são?**. Vol.1. São Paulo: Insular, 2002.
- WAINBERG, Jaques A. **Mídia e Terror**. São Paulo: Paulus, 2005.
- WULF, Cristoph. **Imagem e Fantasia**. Artigo apresentado no seminário Imagem e Violência do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura (CISC), realizado entre 29 de março e 1 de abril de 2001.